

BRASIL POESIA

BP Folhetim. Ano 1. nr. 5. 24 abr. 2020



Brasil, um país de poetas



LASANA LUKATA

SÃO JOÃO DE MERITI (RJ), BRASIL

BP. QUEM É VOCÊ?

Lasana Lukata, poeta nascido em 14 de março de 1964, Dia Nacional da Poesia, na antiga Estrada de Minas; oriundo de família de pedreiros, foi marinheiro de um navio contratorpedeiro que afundou nas águas de Durban a caminho da Índia ao ser rebocado para desmanche. (D37 Contratorpedeiro Rio Grande do Norte). Coincidentemente, a vida de Lukata também afundou, de servidor federal caiu para estadual, hoje é servidor público da Prefeitura de São João do Meriti como trabalhador braçal, mas se afundaram

o navio e o homem de guerra, emergiu o poeta, participando da Oficina Literária ministrada pelo poeta Ferreira Gullar, em 2001, na UERJ, resultando na Antologia Poética “Próximas Palavras”; cursando Literaturas Portuguesa e Africanas de Língua Portuguesa, UFRJ, advogado.

BP. COMO VOCÊ VÊ A POESIA BRASILEIRA?

Com muito cuidado, porque andam dizendo que se é poeta pronto. Há que se ter um cuidado com a linguagem, sua transfiguração, como dizia

nosso professor Ferreira Gullar.

BP. COMO FOI SEU ENCONTRO COM A POESIA?

Foi num livro didático de Língua Portuguesa, onde havia um poema da Mário Quintana, falando “igrejinha de uma torre só”, era bem a cidade em que moro, ali me decidi a ser poeta, mas ainda não tinha a expressão que desse conta das emoções.

BP. FALE DE SEUS LIVROS/ POEMAS PUBLICADOS?

Tenho uns doze livros, na verdade deve ser uns quatro ou cinco, o resto é

polimento da temática da madrastra.

BP. JÁ RECEBEU ALGUM PRÊMIO PELA SUA POESIA? QUAL FOI O MAIOR RECONHECIMENTO CULTURAL QUE SUA POESIA JÁ RECEBEU?

Sim. Um prêmio na Universidade Federal do Rio de Janeiro, que gerou a Antologia 8 Poetas e ser escolhido por Ferreira Gullar para fazer parte da Antologia “Próximas Palavras”, com aval da saudosa professora Terezinha Barbieri numa oficina realizada na UERJ em 2002.

BP. COMO VOCÊ GOSTARIA QUE FOSSE A POESIA, NO BRASIL?

Liberdade, criatividade, isso o brasileiro tem bastante, restando apenas dar uma organizada no delírio.

BP. QUAL É O ESCRITOR E RESPECTIVO LIVRO, QUE FOI SUA BASE POÉTICA?

Mário Quintana.

EXPEDIENTE:

Folhetim Brasil Poesias

Produção: Assis Editora.

Coordenação: Ivone de Assis

Contato: escreveai.ivone@gmail.com

Fone: (34) 3222-6033

Há espaço para anúncios.

AO LEITOR...

venho de uma família de pedreiros...
meu pai levantava casas para os outros,
de segunda a sábado regendo aquela orquestra
de sons desagradáveis com marretas, ponteiros, talhadeiras
e no domingo serrávamos a melancolia, as tábuas para o nosso
barracão;
no serra-serra mostrava meninas me olhando
e, como ostra que copula com o rochedo,
subia-me às narinas uma influência de flor abraçada ao serrote.
meu pai levantava casas para os outros,
levantava por cima de tudo a afirmação pela vida.
por necessidade estivemos em consonância com as pedras,
rodando de verso em verso até perdermos as pontas,
os instintos sem reflexão.
meu pai amava as letras,
mas meu avô não permitiu esses namoros,
só comigo veio o espanto da escrita.
venho de uma família de analfabetos,
de tempos apagados,
dessa pétrea desilusão,
não sei o que erguemos no passado,
o que derrubamos,
se quebramos estátuas buscando status,
se levantamos paredes ao redor de jardins,
se erigimos o muro da caverna de Platão,
à espera do reboco, grosso e fino, sou um muro
que murmura, chapiscado, insatisfeito.
já estivemos a caminho do desmanche, da ruína, como um navio;
sobrevoaram-nos corujas, garças, pousaram, nidificaram.
às vezes é preciso derrubar-se, passar pela loucura, nascer-se outro,
levantar-se dos escombros como Nabucodonosor...
Cristo derrubou-se em três dias,
meu pai levantava casas em dois meses,
meu pai levantava casas para os outros,
podava pedras, metal, ferro para os outros,
para os outros não ficava uma aresta,
a nós a fresta onde entrava o vento frio
e saía a poesia... da nossa mundologia
ficou a lição - meu pai levantava casas para os outros-
eu construo versos com você,
claros como um trompete, escuros como violinos,
eis a linguagem.
e que Netuno em raiva, com tridente, já não diga: haja pedras.

LASANA LUKATA, 2020.



“VEJO A POESIA BRASILEIRA COM MUITO CUIDADO, PORQUE ANDAM DIZENDO QUE SE É POETA PRONTO. HÁ QUE SE TER UM CUIDADO COM A LINGUAGEM, SUA TRANSFIGURAÇÃO, COMO DIZIA NOSSO PROFESSOR FERREIRA GULLAR.”



CIDADEZINHA CHEIA DE GRAÇA

Cidadezinha cheia de graça...
Tão pequenina que até causa dó!
Com seus burricos a pastar na praça...
Sua igreja de uma torre só...

Nuvens que venham, nuvens e asas,
Não param nunca nem um segundo...
E fica a torre sobre as velhas casas,
Fica cismando como é vasto o mundo!...

Eu que de longe venho perdido
Sem pouso fixo (a triste sina!)
Ah, quem me dera ter lá nascido!

Lá toda a vida pode morar!
Cidadezinha...tão pequenina
Que toda cabe num só olhar...

MARIO QUINTANA (A RUA DOS CATAVENTOS, 1938).



O MUNDO MARAVILHOSO DE ALICE E OUTRAS HISTÓRIAS

Rogério Silva

(Crônicas jornalísticas política)



www.assiseditora.com.br

BP Folhetim. Ano 1. nr. 5. 24 abr. 2020